

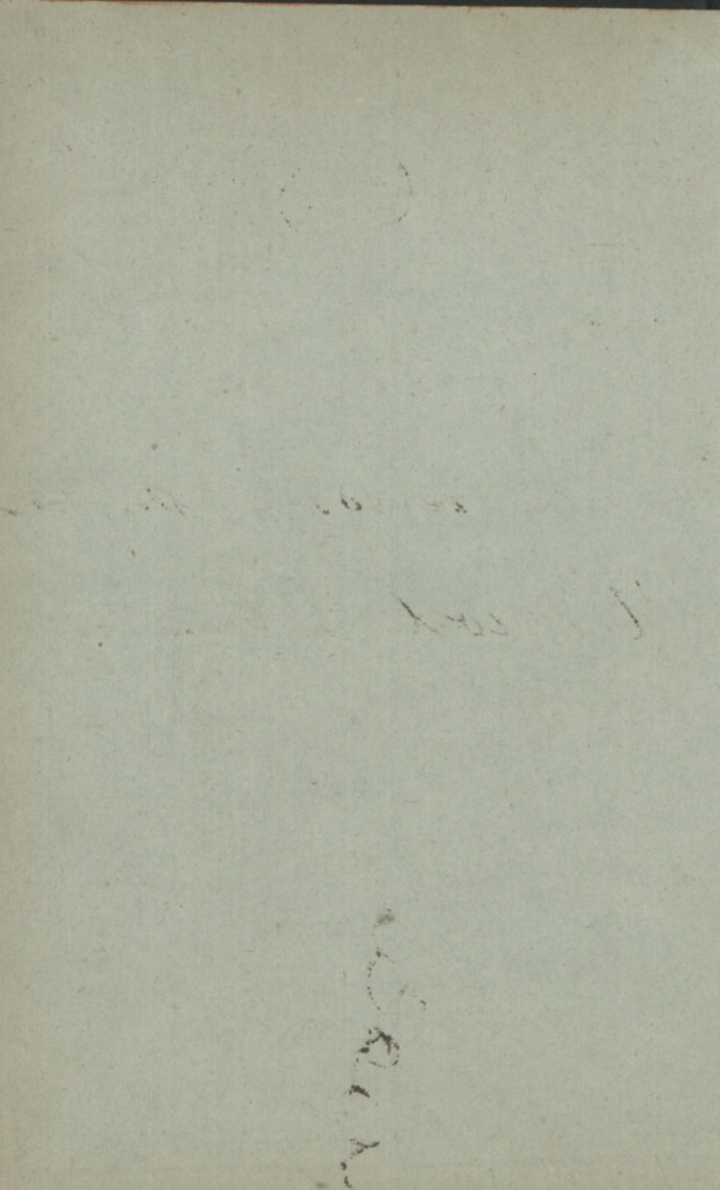
Nº 1

NS017

Diversas escriptas de
Miguel S. C.

22

14/-



MARIO SÁ (.



Diversos escritos

Lucas R. MARIAN. 27 2° D.

10 de julio

1907

2

MARIO S. C.

I

HISTORIA DE ALVARO
DE

(ASTIRO)

(NOVELLA)

}

I. Historia de D. Alvaro de Castro

I

Eu nasci em Cruz - os - Montes; meus paes D.
Antonio de Mello e Castro e D. Leonor
de Noronha assim que eu fiz 14 an-
nos (hav - de concordar que já não foi
sem tempo) tornaram - me mestres.

Entre elles havia um Antonio de
Mascarenhas que era o unico de
quem eu gostava pois fazia tudo que
eu queria e ainda me dava ideias piores
do que ~~do~~ que eu tinha.

Um bello dia estando eu já enfostica-
do de todos os mestres menos do Masc

carenha é hem de ver roubei uns 50 dobrões e fui-me de madrugada com o snr. Antonio de Mascarenhas.

II

Em quanto tivemos dinheiro passamos o melhor possível e por isso quando chegamos a Leiria não tínhamos com nosos senão um cruzado e por isso tivemos que nos valer da arte de ~~intrujar~~ intrujar em que o Mascarenhas era muito forte. A primeira intrujisse que fizemos em Leiria foi a a que passo a contar:

III

No dia em que chegamos a Leiria
como o dinheiro que trouxamos pos-
se o bastante para comer mas não
para passar lentamente como criamos
famos dar uma passiota pela
cidade para ver se nos lem-
bramos de alguma intrujise
par fantar opifaramente.
Indo nós por uma rua encontra-
mos um homem com o qual entabula-
mos conversa.

Depois de muito conversar meemos
conhecimento que elle era da mesma
laira que nós preguntamos - che

se se queria reunir conosco pois o nosso fim era somente intrigar. O Manuel Franco (pois assim se chamava o tal homem) disse-nos que isso mesmo é que elle queria e logo ficou combinado que a nossa estreia havia de ser em arranjar um esplendido fantoche de borla ficando em encargo de arranjar as ca-
nes, o Mexarouhas o miúdo e o Franco o pai. Depois combinamos o citio em que nos haviamos de reunir e então cada um partiu para seu lado.

E a desempenhei o meu cargo da seguinte maneira:

IV

Passando junto de uma egreja vi que estavam discutindo com um homem o padre e mais o sacristão da dita egreja. Então eu acercai-me d'elles e perguntei ao padre porque razão era aquillo.

E' responderem-me o padre por causa d'este homem que nunca se confessou, e nós estamos a ber-se a convencemos a que se vá confessar.

Eu então também principiei a ajudar o padre e o sacrista e a casa é que o homenzinho lá se resolveu a ir-se confessar. Mas n'isto lembre o sacrista o homem não podia entrar na igreja por trazer dinheiras, peças de caça ao hombro, e eu que logo me lembrou d'um estratagemma offreci-me para tomar conta na igreja, enquanto o homem se ia confessar. O pobre do homem que em somma era um pobre diabo confiou em mim e assim que elle

e mais o padre e o sacristão en-
femas-para - que - nos - quero.
Que tal ?

O Mascarenhas portou-se assim:

V

Comprou dois enormes canecos, be-
encher um d'agua ficando o
outro vazio e depois de feito isto
escondeu-os ambos debaixo da capa.
Na primeira taberna que encontrou
entrou lá dentro e tirando o caneco
vazio pediu á taberneira que o
enchesse do melhor vinho que
tivesse e assim que a taberneira
o trouxe metteu debaixo da

capa e perguntou a taberneira
quanto era.

- 4 patacos disse a taberneira
- e é muito caro; talvez lá.

E dizendo isto puz no balcão
o caneco que tinha a água
e não o que tinha misto.

Esta intrugisse não - she con-
cordar que é de mestre.

O Franco fez o seguinte:

VI

Vestiu-se de almu. Do outro
mundo e conforme pôde en-
cafon-se n'uma padaria
e escondeu-se n'um canto.

Quando ja era escuro sahindo seu esconderijo e apresentando-se com os seus trajes d'alma do outro mundo aos polvos e aos padeiros que logo fugiram a bom fugir. Entao o Franco encheu um sacco que tinha levado de prezença de paes e feito isto fugiu nindotreinir-se com-nosco.

Entao accendemos uma bella fogueira, astamos a caça e comemos com grande appetite. Esta finta estava deliciosa e demais de barla. Em? que tal?

VII

Fizemos tantas intrujissas que seria impossivel conta-las todas mas uma ia - nos sahindo cara e por isso fugimos para Hespenha mas estando nos já enfastados de arruar estas tagemas resolvemos organizar um quadrilha de ladraes sendo eu 1.º capitão o Mascarenhas 2.º o Feram tenente e arranjamos para ladroes mais 6. Os rouboes que então fizemos foram inumeros.

VIII

Um dia, sahindo nós para roubar encontramos uma carruagem puxada a quatro e logo assaltamos.

Como era de prever fomos nós que vencemos e só escapou o cavalleiro que tinha dentro que nos levamos como prisioneira para a nossa toca...

Assim que lá chegamos eu perguntei a esse cavalleiro como se chamava e elle respondeu-me:

— Sou D. Augusto De Mello e Castro

Estas palavras logo estremeci
por ser os appellidos da mi-
nha familia os seus,
Mas como a tantos Mello,
e tantos Castros que não
ligui a isto maior impor-
tancia.

Depois perguntei-lhe se
era portuguez ou espanhol
e quaes eram seus paes.
A resposta que elle deu
foi esta:

— Sou portuguez. Meus paes
são: D. Antonio de Mello e
Castro e D. Leonor de Noronha.

Não restava duvida que era
o meu irmão D. Augusto que
quando eu fugi de minha
casa tinha oito annos.

Então avancei para elle
e lhe disse: o chefe dos
bandidos que te prenderam
é teu irmão D. Alvaro de
Mello e Castro de Moronha.
Depois disto perguntei-lhe o
que é que elle andava a fa-
zer em Hspanha e elle disse-
me o seguinte:

IX

Quando tu fugiste de casa

como tu sabes tinha eu 8 annos. O nosso pae foi logo a tua procura e demorou-se 8 annos, portanto ^{quente} quei novamente a casa sem ti era eu um homem. Depois de descansar um anno partiu novamente indo eu tambem agora ~~foi~~ anda teu pae a tua procura por França e eu andava por Hespanha quando me succedeu encontrar-te n^{esta} terrivel posição. Nada a mais te tenho a dizer. Eures-me

a acompanhar ou continuares
a ser bandido?

E aro-te a acompanhar meu que-
rido irmão lhe disse eu.

X

No dia seguinte partimos para
a nossa casa. O bando dos
Sateadores de D. Alvaro con-
tinuaram os seus roubos ficando
o Mascarenhas como 1.^o capitão,
o Franco como 2.^o e outro
ladrao como tenente.

Assim partimos.

XI

Quando chegamos á nossa

casa já lá estava o nosso
pae que ficou cheio de
contente por me ver.

Desde então nunca pude
nos ser mais felizes

XII

Quando meu pae fala
com os seus amigos conta-
lhes sempre esta historia,
dizendo-lhes que e hem ser
o ditado que diz:

O BOMEIHO Á CASA TORNA

Sim da

Historia de D. Alvaro de Castro

1790. S. C.

II

O ESPECTRO

(Conto Histórico)

2

1923 FEB 21

II - O ESPECTRO

I

Na cidade de Enora andava todo o povo agitado em vista das enormes contribuições que tinha lançado o governo Hespanhol.

Era em 14 de abril de 1634;

Quando terminou o Dia 14 tudo se pegou para recommençar no dia seguinte.

Ora aconteceu que um certo homem chamado Bernardo da Silva tendo-se deitado para o adormecer como o outro povo, quando soaram as 12 badaladas da meia-noite acordou e logo

em ceguida lhe appareceu um
espectro¹ que com voz cavernosa
lhe disse o que se
nae ler:

II

«Esta tentativa de emanci-
pação é piar para nós
pois que o governo de Hespa-
nha em vista do que pi-
zerem ainda ha-de lançar
contribuições maiores.

Ha-de reventar no dia 1.^o de
dezembro uma revolução

1- O mesmo que phantasma

em Lisboa com bom resultado para os portuguezes pois que estes recuperam a sua Independencia.

Por isso aconcelho-te Bernardo da Silva que não tome mais parte nestes pequena revolução. E dito isto desapareceu

III

Assim que rompen a aurora Bernardo da Silva deu parte ao povo do que lhe tinha dito o espectro mas o povo não acreditou por julgar

que aquillo tinha sido sonho
do Bernardo.

Porem Bernardo da Silva
não tomou mais parte
na revolução.

IV

Estamos em Lisboa no
anno de 1640 a 1 de de
zembro.

O dia niera esplendido
tomando os conjurados isto
por feliz augurio.

40 bidaes entraram n'esta
conspiração ou conjurados por
um salvo e honrado juramen-

Jão Pinto Ribeiro secretario
do duque de Bragança.
Quando soaram as 9 horas
abriram-se de subito as por-
tas de muitas carruagens
e saltaram por ellas fiote-
gos arrebatadamente.

Seguiam-nos de perto os
outros confederados e sobem
de tropel as escadas do paço
matam Miguel de Vascon-
cellos secretario da duquesa
de Chantrea e ao grito de:
Liberdade!!! Liberdade!!!
o povo de Lisboa enfureceu

contra os hospanteiros e nen-
ceu-as.

V

Quando chegou a Enara esta
noticia Bernarda da
Silva disse para o homem
O' Enard:

Então já nem que sabia
certo o que o espectro me
disse.

VI

Bernarda da Silva foi
sem o mais hely do charencas
e viveu muito contente a sua vida.

Fim do Espectro

Elle

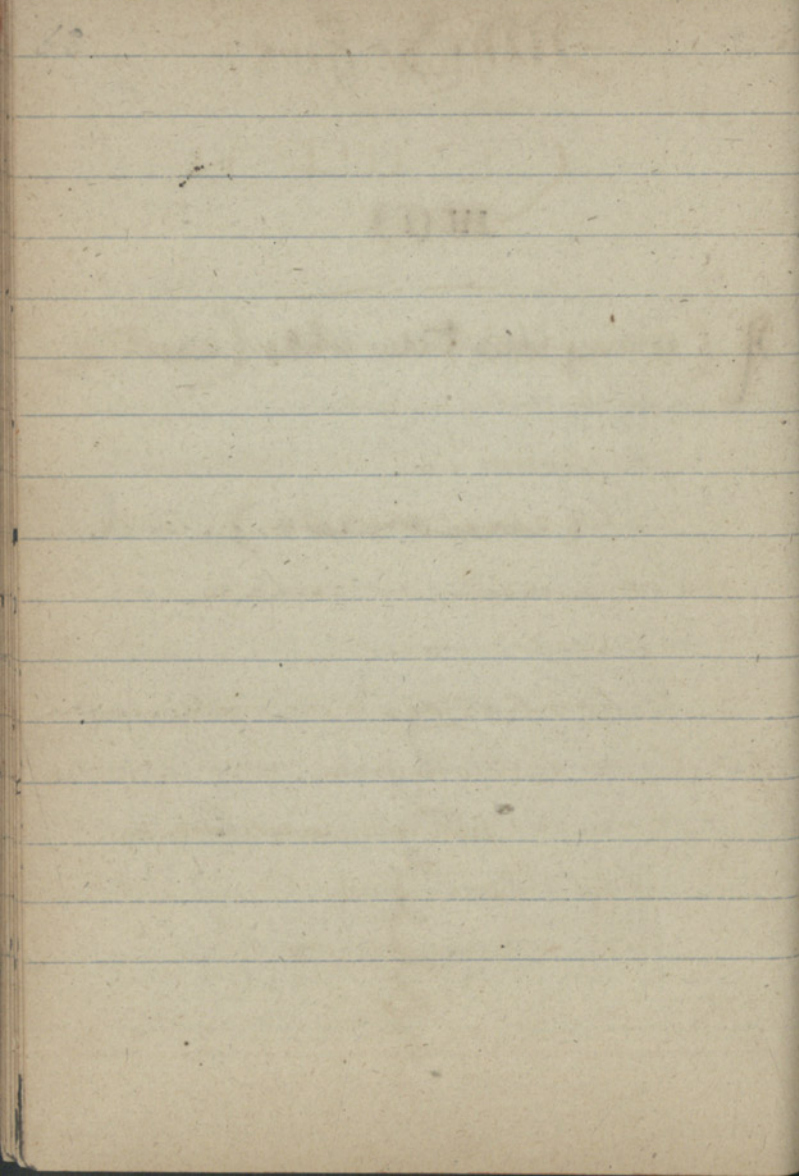
nn. s. c.

III (I)

A conquista de Centa

(em verso)

22



III(I) ALONQUIST
DE
CENTA

Aos 25 de julho de 1415

Grande alegria

Não ponia já

Nela expedição contra Centa

Logo partia n'esse dia.

Ossinos tocavam

As hombradas o ar atiravam,

Homens exclamavam:

«Com os ferros nossos combater

a tomar-lhes a cidade

«Vencer ou morrer»

Oorem uma nuvem de desgosto

Oceu tal d'ava

Pois morrera a rainha

Que o povo tanto amava

Se isto se passasse em nosso tempo

De cerimoniaes impestado

A expedicão não partia

Senão d'ahi a muito dia

Mas elles homens resolutos

Que nada temiam

No dia marcado partiam

La não a embarcar

La vas altinos e mubres
Penta tomar

Li

La não, la não

Para terra de mouros

Mas hã de vir

Colheres de louros

A Penta chegam

Um combrate ha

Os mouros ficam nencidos

E na Africa

Dos portuguezes uma cidade ha

Nasado algum tempo

Grande alegria
No povo ia
Nela espedição contra Centa
Que saltava n'esse dia.
Os sinos tocavam
As lombardas o ar atavam

Le a chega a namora nêlla
Que traz a espedição.
For nêlla armados cavalleiros
Os filhos de D. João

Vencemos! vencemos!
Clamam elles;
Centa foi tomada

Aos mouros conquistada.

Vencemos nós. Vencemos!

Aos perros uma cidade tomamos já.
Em Africa té que em fim
Uma bandeira portugueza ha.

Que alegria em Sishoa nae!

Viva! el-rei D. João,

E mais os seu filhos, vivam!

Viva! toda a expedição

Viva! el-rei D. João.

Vêm de luto, nêem de luto

Vêm de luto a expedição;

E' pela rainha D. Trillippa

Que o povo tanto amana

E que antes da expedição partir
A morte arrebatava.

Lá não elles, lá não elles,
Lá não elles cheios de Fé
Davam missa e dar graças a Virgem Santa
Nas abalucadas da Sé

Fim da obra

CONQUISTA DE CUEIUA

3

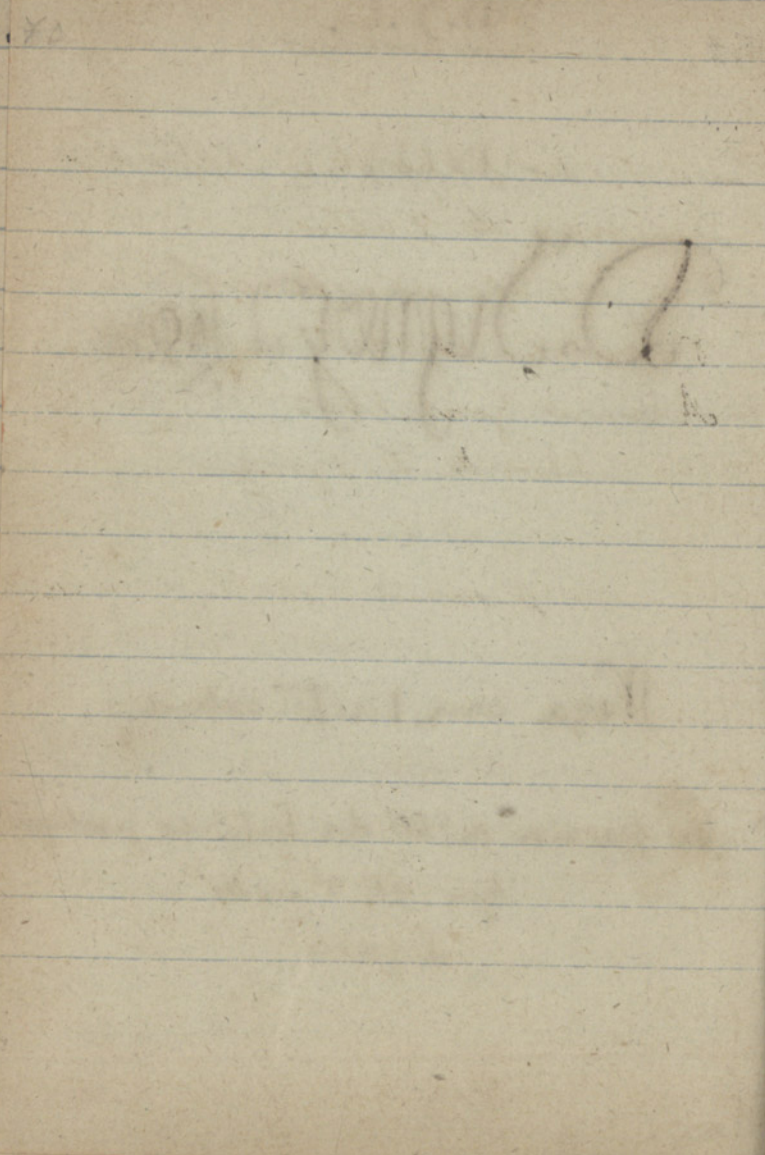
SU.S.C.

IV(I)

D. Signey 2 [ASTRO

Reça em 1 acto extracta

da poesia n.º 60 da leitura portugue-
za do 2º ano dos
Lyceus



Personagens

D. Pedro filho de D. Afonso IV

D. Ignez de Castro

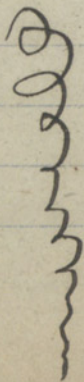
Diogo Lopes Pacheco

Pedro Coelho

Alvaro Gonsalves

Os filhos de D. Ignez

A scena passase em Coimbra



IV(1) - D. Ignês de Castro

Peca em um cacto

Uma sala ricamente mobiliada.

D. Pedro e D. Ignês
estão sentados n'um sofá

D. Ignês - Então sempre é verdade
que vais fazer amanhã uma
grande caçada?

D. Pedro - Sim Ignês. Porque é que
me fazes essa pergunta?

D. Ignês - Porque tenho um pressentimen-
to que me hão de matar

D. Pedro - Ora é melhor deichar essas tolices

D. Ignéz - Mas faz-me essa
montade, Pedro peço-te

D. Pedro - Olha Ignéz essa mon-
tade não te faças por-
que esses sentimentos
não são verdadeiros

D. Ignéz - Pois sim tu não
acreditas, mas podes
crer que as meu percen-
timentos sehem certos

D. Pedro - Pois sim mas não
palemos mais n'isso.
Olha adens Ignéz, não arran-
jar os preparativos para a partida
(D. Pedro, sahe)

Scena 2^a

No outro dia de manhã. D. Ignez
sentada n'uma cadeira a bordar.
N'iste entra D. Pedro.

D. Ignez - Então Pedro tu vens-
me dizer adeus por quantos
dias?

D. Pedro - Por trez somente.

D. Ignez - E tu partes já?

D. Pedro - Sim Ignez,

D. Ignez - Bem então desepas
que eu morra. Não assim
sefa, eu também só tenho
hena de ti de meus filhos

D. Pedro - E tu a tei mares na
mesma. A deus Ignéz.

O lha tu dizes que eu
quero que tu morras
e mal sabes a pena
que eu tenho de me
separar de ti durante
3 dias somente.

Não pences mais n'isso
minha Tontinha

D. Ignéz - Bem então a deus
Pedro

(D. Pedro sabe)

Scena 3^a

D. Ygnéz e seu filho, depois do
go Baptesmão, aheco, o Pedro
Coelho e Alvaro Gonzalves,
D. Ygnéz está sentada tocando
n'um bandolim

D. Ignez (cantante ao bandolim)

Meu infante meu senhor
 E se me d'este a regia m^ã
 E senda de orde estas
 Da tu Ignez a canç^ão

já não podem mais apressar
Chegar ao teu coração

Repitam montes e vales
Da tu Ignez a canção

Em prantos miei lastimosa
Esta esta habitação
So se ourem n'estes paços
Da tu Ignez a canção

Os meus sonhos tão quibros
Langue choram que al não
Gaiham de cá estes vales
Da tu Ignez a canção 1

1-Estes versos são tirados da poesia d'

(N'iste abre-se uma e entram
por ella, Diogo Lopes Pacheco,
Pedro Coelho e Alvaro Gonçal-
ves os quaes n^o armados de
punhaes.)

D. Iguéz - Que é isto querem -
me matar mas porque?
Ai meus ricos bilhos que
vem matar minha mãe.

(os personagens que ultimamente
entraram accercam-se de
D. Iguéz e enterrando-lhe
os punhaes fogem).

onde é extrahida esta peça.

Os filhos de D. Ignez - e h i
que mataram a nos-
sa querida mãe.

(cabo o panno)

Fim de D.

Ignez de Castro -

1

Maria G. C.

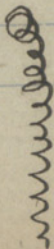
V

ARREDONDEZA

DA

TERRA

(extraído do trecho n.º 22 das leituras do
2.º anno dos lyceus)



V. Da Zedondea

DA

Terra

— O papá en anni dizet que a
terra e redonda. E' merda?

— E' sim meu pilho. E'is até te
non fazer perceber porque a
terra e redonda. Ora diz-me
lá uma coisa; quando estas n'
uma preia o que e' q'ue surgir pri-
meiro no horizonte; e' o casco
ou os mastros de um navio?

— São os mastros

— Ora não te parece que se a terra
fosse plana nias apparcer

no horisonte o casco por ser mais nulumoso?

— Sim papá.

— Ora como succede o contrario quer dizer que a terra e redonda porque tu comprehendes que se puzeres por um palito espetado n'uma rolha e fizeres andar a rolha com o palito á roda d'uma lan-ranja nos primeiros desaparecer a rolha do que o palito.

Percebes agora porque a terra e redonda meu filho?

— Sim papá. Mas enor hontem

estive a ler uma coisa nas
leitura do mano¹ que dizia que
os habitantes do sul da terra não
viam as mesmas estrellas que
os habitantes do norte da terra.

Sim, e isso tambem e uma
prova que a terra e redonda
e nao plana, pois que a que
eu te dei e uma prova que
a superficie das aguas e redon-
da mas que tambem se applica
a terra e isto mesmo hauias
de ter lido n'esse livro. Não leste?

1. Refere-se ao livro d'onde extraieste isto.

— Sim papa.

Olhe eu ouvi que ha uma
estrella chamada estrella
Polar que serve para
nos orientar pois que não
gira e logo os habitantes do
sul da terra não tem esse
meio de orientação porque não
a têm.

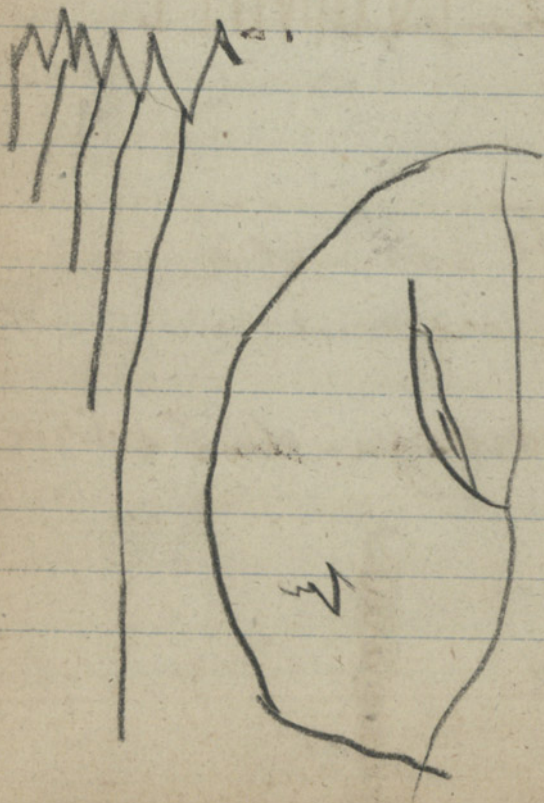
— Sim meu filho não têm
a estrella Polar — mas
têm no seu hemispherio uma
estrella que equivale a nossa.
Essa estrella pertence a cons-
telação Cruz do Sul. Olha

eu tenho que sair e por isso
 não te posso explicar hoje
 mais nada, gostaste do que
 eu te expliquei?
 Gostei sim papá



Redondeza da Terra

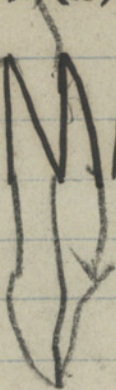




MARIO DE GÁL.

VI (2)

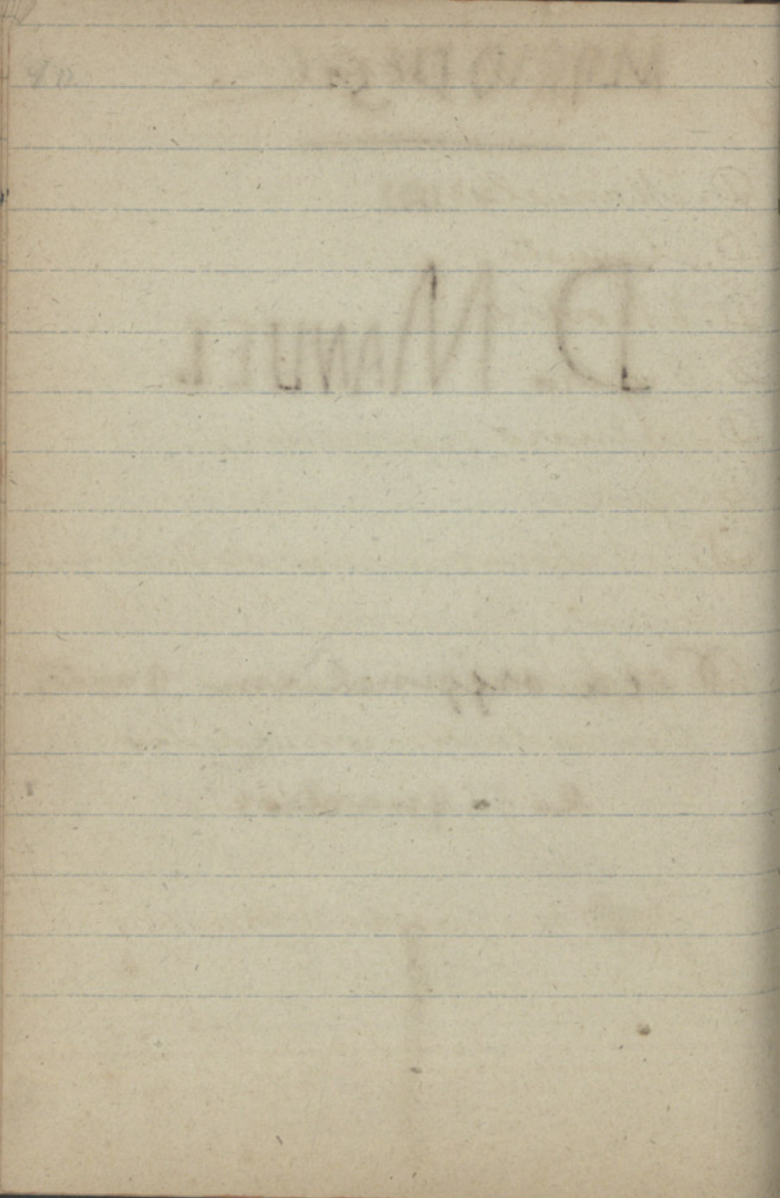
D. MANUEL



Peca original em 3 actos

e 11 quadros

meados



Personagens

D. Manuel

D. Augusto

D. Chevalero

D. Cesar

D. Alvaro, carregador

D. José.

D. Antonio irmão de D. Augusto

Joana

D. Adelaide

Convidados, convidadas

um criado, a guazis etc. etc.

A scena passa-se em x...

IV(II) - D. Manuel

Reza em 3 actos e 11 quadros

1.^o acto

1.^o Quadro

Uma sala ricamente mobiliada, Canalleiros e dama ~~Bradam~~ passando. No centro da sala um magnifico lustre de crystal aceso. Entran os ~~Bradam~~ serminolo dozes e hebeistas.

Scena 1.^a

D. Alvaro, D. Theodor, D. Augusto e D. Cesar os quaes estã

coverçando ~~com~~ grupo
no vão d'uma janella.

D. Alvaro - Está combinado
amanhã caçada.

D. Theodor - É que Matta a de-
sejaes fazer

D. Alvaro - Na Matta Verde sm.

D. Theodor

D. Augusto - Olha lá o D. Al-
varo e preciso prevenir
os criados.

D. Alvaro - D'isso mesmo é
que eu não trato

(saheda alla)

(D. Augusto ~~to~~ vai conversar
para outro grupo de casalheiros)

Scena 2^a

D. Theodoro - D. Pizar

D. Theodoro - O' D. Pizar isso
samanhã e que vai ser uma
caçada de truz

D. Pizar - Eu cá por mim acho
que não devia haver caçada
porque n'ella vai acconte-
cer alguma desgraça

D. Theodoro - Ora não estás a
aguardar a caçada de amanhã

D. Cezar - Olha é melhor
não falarmos mais n'isso.

2.^o quadro

Uma casa polivelmente malida-
da. Uma mesa ao centro.
Nelas paredes caveira cruzes
embalsamadas e mais utenci-
lios de bruxa. (No outro dia de manhã)

~~Sena~~ 1.^a

D. Cezar - Antonia

(Antonia está sentada a mesa
destinando cartas)

D. Cezar - Então as cartas di-
que ha-de haver uma desgra-

gagana caçada de amanhã.

Antonia - Sim, senhor D. Cezar
D. Cezar e não se pode saber
a quem acontece a desgraça?

Antonia - Isso é que não.

D. Cezar - E nem ao menos se po-
de saber se é a mim que
acontece essa desgraça?

Antonia - Isso pode.

(Antonia lê a carta novamente as
cartas e depois de um momento
diz.)

Antonia - Não é eu senhor D.
Cezar que acontece essa desgra-
ça.

D. Cezar - Então posso ir
a caçada. Não é isso?

Antonia - Sim, senhor D. Cezar.

D. Cezar - Adeus tia Antonia
come lá

(pe-lhe uma moeda de
prata em cima da mesa)

Antonia - Obrigado meu se-
nhor

(D. Cezar sahe)

Cena 2^a

(Antonio tira as suas vestes
femeninas e fica um
rapaz elegantemen res-

tido o qual e D. Manuel)
 D. Manuel = eth! 'eth! 'ith!
 como o coelho caiu da
 esparrella. Bem agora
 deixa-me ir contar isto
 aos meus amigos
 (zahe)

3^o quadro

Uma sala elegantemente
 mobiliada. Estão sentados em
 varias cadeiras alguns fi-
 dalgos.

Cena unica

D. Manuel, D. Joze e outros

fidalgos amigos de D. Manuel

D. Manuel (entrando) - Digam
a historia do senhor D. Bexer
de Souza Valasques da Silva,
descendente do senhor rei
D. Sancho I ou do diabo
que o carregue.

D. Gaze - Vamos lá a ou-
vir essa historia

D. Manuel - Lá vai. O senhor
D. Cezar cahiu como um
patinho. O meu disporce
extrema magnifico mas
o que me admira e u

minha noz que não es-
tencia nada mudade
e o palerma do D. Egar
foi coisa que não perce-
ber. Agora vou conta-
lhes a historia poisque
para amigos não á se-
greto.

Como sabem eu tenho
muita raiva ao D. Egar
e para o matar arran-
jei este estorpageme:
Eu sabia que o D. Egar
era todo de bruxedos e
por isso assim que elle

chegou cá perguntou qual
era a melhor bruxa
da aldeia e logo lhe-
dizaram que era a tia
Antonia pois eu tinha
comprado a pout.

Elle baimo procurar
e eu mettilhe muitas
patranhas na cabeça
dizendo-lhe que ha-
via de haver uma des-
graca n' esta caçada mas
que não era a elle que
isto acontecia.

Logo na caçada atirou

a algum animal que veja
ou não veja pois eu não
quero matar outro ani-
mal senão o senhor D.
Bizar.

Os amigos de D. Manuel - Bra-
no seu Manuelzinho.

D. Gaze (puxando do relógio) -
O' D. Manuel olha que já
são 10 horas e a caçador
sabe a 11. E por isso é
partir para casa do D. Al-
varo.

D. Manuel - Meu amigo toca a marchar.
(sahem)

4^o quadro

Um pátio onde estão muitos
cavallos. Dames e cavalhei-
ros com espingardas prom-
ptos a montar

Sena unica

D. Alvaro e annitos convidados

— . —
D. Alvaro - Esta tudo prom-
ta para sahír meus
amigos e convidados.
Partanto e só montar
e seguir para a Mat-
ta Verde.

75

D. Manuel

75

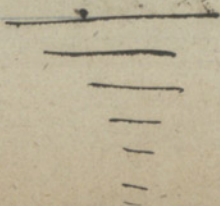
(os convidados montam nos
cavallos e partem)

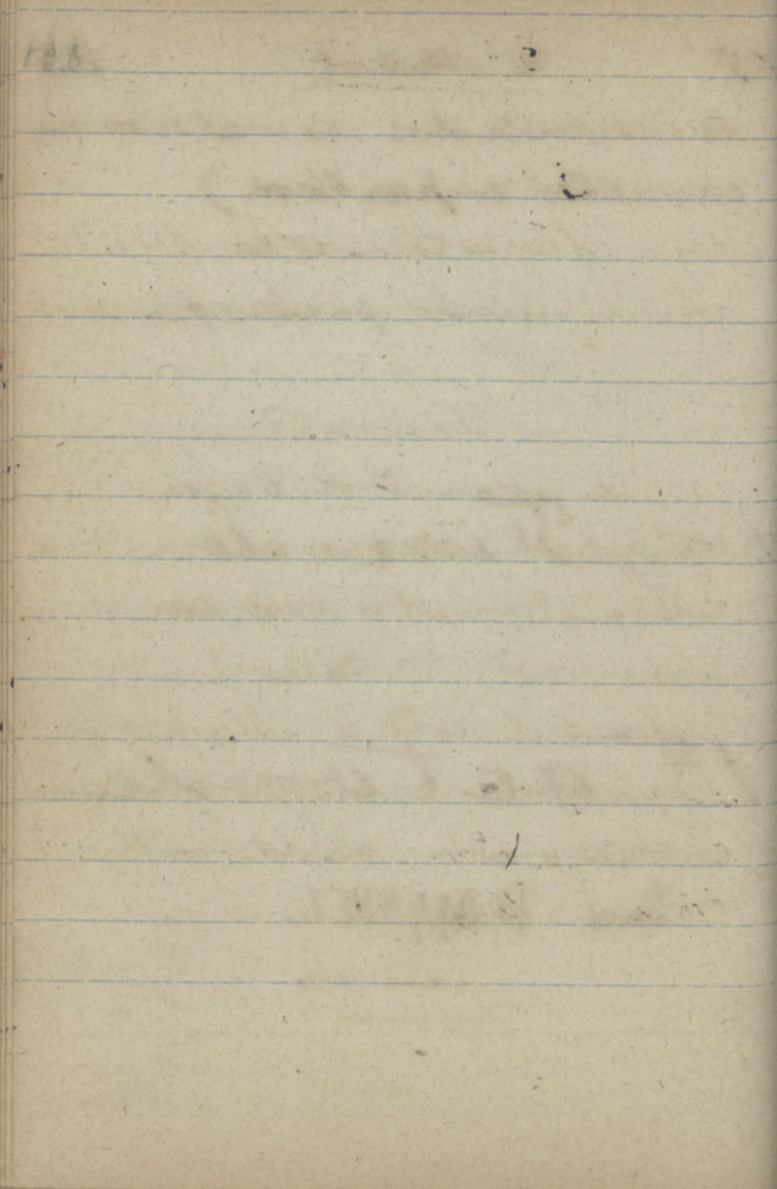
(cabe o panno)

Fim do

1^o acto de

~~do~~ D. MANUEL





2.º acto

5.º Quadro

Uma floresta. ~~A~~ direita
um caminho largo.

— — —
Cena 1.ª

D. Manuel D. Cezar

D. Cezar - Aigue me mataram

D. Manuel - ~~que te que~~ ~~em fim~~
morreste villas!

(depois d'isto D. Manuel
segue pelo caminho da direita
e vai juntar-se aos outros
convidados.)

Sena 2^a

D. Manuel e os outros conui-
dados

D. Manuel - Meus senhores
encontrei o senhor D. Ge-
zar morto no fim d'
este caminho

O convidador - O que ?? O D. Ge-
zar morto ??

D. Manuel - É verdade.

D. Theodoro - Bem dizia
elle hontem que n'esta
caçada havia de acon-
tecer alguma desgraça

D. Augusto - Quem o matou?

D. Adelaide - O melhor é viver
com a tia Joana que
é bruxo e ella diz-nos
logo quem foi que
matou o D. Cezar.

D. Manuel - Escatamente.
Eu vou adiante para a
peruinha.

Todos - Isso é que se deve
fazer.

(D. Manuel vai adiante e
toda a brida em quanto os
outros comedados vão para

o citio onde esta morto D.
Cezar seguindo depois a posse
pelo caminho porque foi
D. Manuel.

6.^o quadro

Uma casa mobiliada do mo-
destamenta. Nas paredes
vem-se artigos de bruxas
e em um armario que esta
aberto, caveiras, bichos em-
balsamados, etc. etc.

Scna. 1.^a

D. Manuel - O' Eia Guana

eu dou - lhe quanto di-
nheiro quizer se fizer
isto que eu lhe vou dizer.
Joana - Então diga lá isso
senhor D. Manuel.

D. Manuel - Como a tia
Joana sabe hoje ouve
uma caçada na
Matta ver do senhor
D. Alvaro e eu mattei
o D. Cezar de Souza
Vallasques da Silva.
Ora os commedactos não
capiam achar quem
o matou foi o D. An-

tonio de Marcarenhas
Joana - E' m senhor D.
Manuel.

~~Gesaa~~ 2^a

Os mesmos e os outros con-
vidados

D. Adelaide - Ora como
sabe hoje houve uma
caçada na Matta Verde
do senhor D. Alvaro e
n'ella appareceu morto
o snr. D. Cezar de Sou-
za Vallasques da Silva

não sabendo nós que
o matou e por isso nie-
mos ter com no cemece
para não dizer que ma-
tou D. Cezar.

Joana - Isso já se vai sa-
ber.

(acerta-se D'uma meza
e principia a deitar as
cartas)

Joana - Quem matou D.
Cezar foi D. Antonio de
Mascarenhas.

D. Antonio - Eu!? Isso é uma
infamia

D. Augusto — Meu irmão
não era capaz de fazer
essa infâmia

D. Adelaide — Já se sabe
que foi o D. Antonio
porque senão a tia
Joana não era
capaz de fazer ~~isso~~ isto

D. Alvaro — D. Antonia
estais preza.

D. Antonio — Não sei nós
que temos a culpa d'isto
pois como ~~corredore~~ corre-dore
pagamos o nosso dener.
Quem tem culpa são

essas infames bruxas,
que exploram vilmente
quem lhes dá credito.

E todos - Nos não cremos na
herde de historias
(os hidalgos sabem)

Scena 3^a

(Da li' alvocado apparece D.
Manuel)

D. Manuel - Aqui têm o que
heide.

Joana - Obrigado s^{mo}. D. Manuel.

Fim do 2^o acto

de D. Manuel

7.^o Ena oliv.

A mesma decoração ologue a
do 3.^o

D. Manuel só sentado n'uma
meza.

Ena unica

D. Manuel - D. Cezar morto
D. Antonia prego estou como
quero.

D eixa-me ir escrever isto
para eu ler na minha
velhice. (escreve)

(cabe o panno)

Fim do 2.^o acto de D. Ma-
nuel

3^o acto
~~~~~

7<sup>o</sup> Quadro

Um gabinete bem mobiliado  
D. Augusto esta sentada  
a ler

Scena unica - D. Joze e D. Augusto  
Um criado - Senhor D. Augusto  
esta la fora um cam-  
cheira que se diz cha-  
mar D. Joze De Castro e  
que deseja balar com o  
Sr. D. Augusto para negocios  
de alta importancia.

D. Augusto - Eu entre para  
aqui



(D. Gózé entra)

D. Augusto — É em a hon  
~~dade~~ de se centar.

(D. Gózé centa — se)

D. Gózé — Eu D. Gózé de  
Castro antigo amigo de  
do infame D. Manuel  
venho aqui para dizer  
a v. senhoria que foi  
elle quem matou D. Ce-  
zar e fez com que seu  
irmão fosse preso.

Como prova d'isso  
trago aqui este manno-  
escrita feita por D.



Manuel em que elle  
conta essas infâmias  
Aqui e tendes.

(D. Góze entrega o papel  
a D. Augusto.)

D. Augusto (depois de o  
ler) - O que este papel  
diz são umas grandes in-  
fâmias. O briga do D. Góze.  
De D. Augusto de Mascare-  
nhas e de D. Antonio  
seu irmão têm dois ami-  
gos até á morte.

D. Góze. - Muito obrigado sr.  
D. Augusto de Mascarenhas



9.<sup>o</sup> quadro

Megahinete hem machilado

---

D. Augusto - D. Alvaro

D. Augusto - Já sei tudo  
a respeito do assassinato  
de D. Ceazar. Leêde este  
papel.

(da o papel a D. Alvaro)

D. Alvaro - Vou mandar  
prender immediatamente  
D. Manuel e soltar nosso  
irmão.

D. Augusto - Obrigado D.  
Alvaro

10<sup>o</sup> quadro

A mesma decuração do  
3<sup>o</sup> e do 4<sup>o</sup>

~~Isma~~ única

D. Alvaro - E stas preso.

D. Manuel - Marque D. Al-  
varo?

D. Alvaro - Leêde este  
papel.

(da-lhe o papel)

D. Manuel (depois de ler)  
O que este papel diz é  
verdade. Eu mesmo me  
entrego a prisão.

---

11º Quadro

Uma prisão humida e  
escura

~~Senhorica~~

D. Antonia - D. Alvaro

D. Augusto e D. Manuel

---

D. Alvaro (abrindo a porta  
da prisão) - Esta es-  
ta senhor D. Antonio  
de Mascarenhas pois  
que quem matou D.  
Bazar foi D. Manuel.  
D. Manuel - Sim foi eu  
mas não vos zahareis



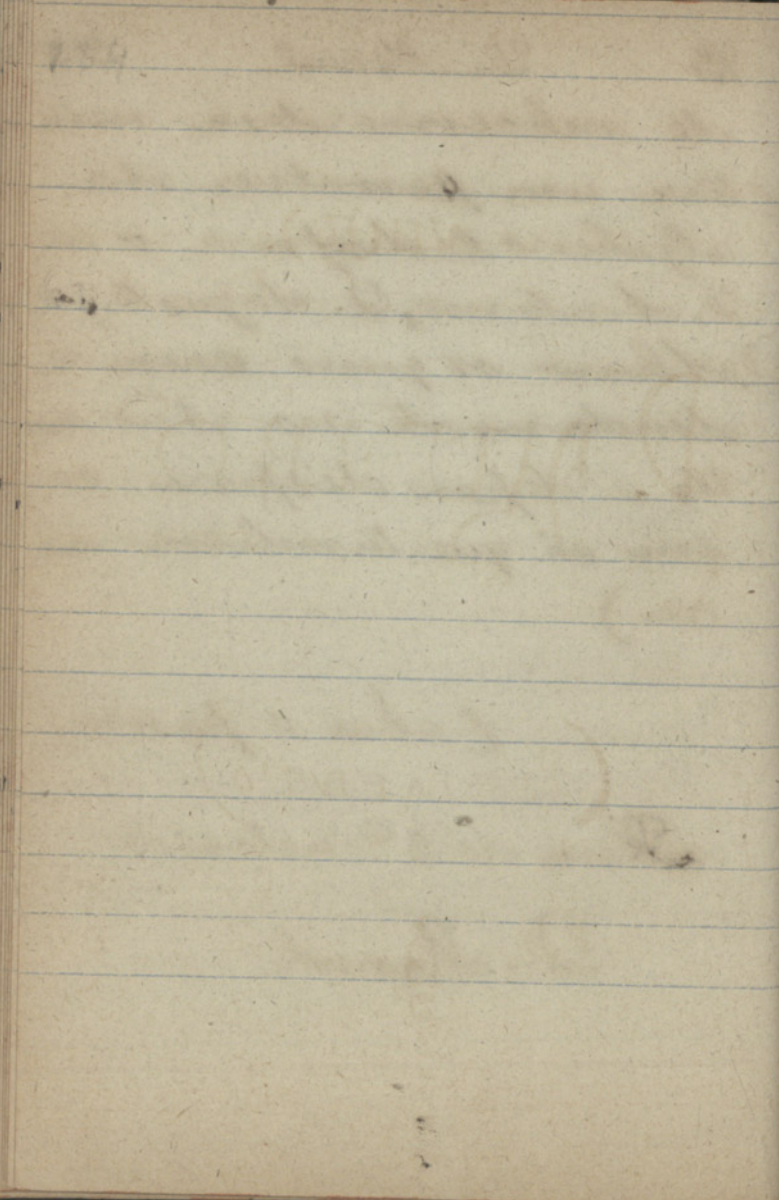
de sobreviverdes a mim  
(tira um revolver do  
algibeiro e dispara-o em  
D. Antonio, D. Augusto,  
e D. Alvaro os quaes caem re-  
clondamente no chão mor-  
tos e depois dispara-o  
em si que tambem mor-  
re.)

(chae o panno)

Fim do 3<sup>o</sup> acto e de

D. Manuel





MARIO SA C.

VI(II)

D. ALVARO

(POEIMENTO)

1885



## VII (II) - D. ALVARO

---

Leilhou terra suberba  
D. Alvaro n'ella está  
Correndo ruas errantes  
Nela sua sorte má

Dera-se o caso que um dia  
De D. Alvaro, o fidalgo  
A sua amada fugia

D. Alvaro bem sabia  
Que era na capital  
Que Paris, Helena escondia



Por isso o nemos andar  
Nelas mas errante  
Não encontrando os infames  
Mas dizendo sempre: avante!

Vem rompendo o sol claro ardente  
Lá da banda do oriente.  
Em um patio escuro  
D. Alvaro converça com uma melha junto a um mureto

Que novas gozephia me daes,  
Dos infames que procuraes?

Sei que estão: gozando o amor

N'uma casa em Cascaes.

Bem, os infames estão em Cascaes.  
Gozzicha; eu vou escrever uma carta  
E essa a D. Leonildo a entregaes.

Senhor D. Leonildo D'Arnamar,  
Uma carta,

- De quem é essa Martha?

Não sei, Uma velha m'á entregou  
E me disse:

Ali ahasco, n'um instante vou  
E a resposta Depois venho buscar  
Nada mais sabes?

Não, senhor D. Leonildo Hermamar  
Está bem podeste retirar.

Não sei que temor m'inspira  
a cantar

Que me trouxe agora a Martha.

Bem não a ler

E o que ella diz eu não saber

« Senhor D. Vallão

« Ouvi uma triste historia

« Que te nae cantara nobre

fidalgos D. Affonso Botelho

"E' uma pomeza e fresca aldeia

"Do tão lindo Portugal

"Vessee ella sobranceiro

"Um castello altaneiro

"Solar

"De D. Alvaro D'Aguiar

"E' esse altaneiro castello

"Se avista bem o mar

"E ha dahi que os antepassados

"Do nobre Alvaro D'Aguiar

"As frotas que iam par' a India

"Vinham alegres ver passar



« Depois desta descripção  
« Vámos á historia D. Villão

« Um dia uma misteriosa canalhada  
« Apeia-se ao portão, limpa o pó  
« Sob a escada e penetra no salão  
« Onde está a descansar  
« D. Alvaro D'Aguiar

« Então um bello rapaz  
« Se adiantou para Alvaro  
« E lhe diz:  
« Senho D. Alvaro D'Aguiar  
« Saiba que somos senhores

*Segue o a*

«Que o vimos visitar »

«Vinha n'esse grupo uma mulher  
«Loira e branca qual um anjo de céu  
«Que se fazia acompanhar d'um rapaz  
«O qual dizia ser irmão de Esther

«Qual o homem que vendo Esther  
«Não ficaria amando essa mulher?

«D. Alvaro ficou logo d'ella namorado  
«Como era de prever  
«Quando se separaram  
«D. Alvaro lhe promettera escrever

A sum acartear

"Algunas vezes ella D'ueio visitar  
"Com esse seu falso amão  
"Que ereis n'os D. Villão

"LADA vez a amava mais  
"PARECENDO-LHE ser correspondido  
"O'EISE tão cego amor

"Mas um dia recebe um bilhete  
"Com os seguintes dizeres:  
"Senhor D. Alvaro D'Aguiar  
"Estou em Villa Flor

« Com D. meu amante

D. Le conilde D' Amemar

« Que não é outro senão

« Um an que rido e falço irmão »

« D. Alvaro D' Aguar, sou eu

« E vi D. V. Elão

« D. Le conilde D' Amemar

« Lembra-te sempre d' isto que te não digri:

« É que te perquirerei até morrer »

Depois que viu isto, D. Le conilde D' Amemar

Fugia com grande medo

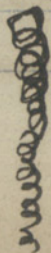


Deixando abandonada  
Amada de D. Alvaro D'Aguiar

No outro Dia peio Alvaro  
Encontrando-se a sua amada  
Disparando-lhe um tiro,  
Disse: Morre scelerada

Depois de morrer a nu  
e toda a brida fugiu

FIM DE D. ALVARO



M. S. E

VIII(III)

S. IRIA >>

Peca em 2 actos e 6 quadros

Extraída da poesia n.º 55 das Lei-  
turas portugue-  
zas do  
2.º anno

1

2. 1. 1. 1.



# Personagens

D. Iria

D. Manuel

D. Antonio

José (paiado de D. Antonio)

Rastros etc.

A scena passa-se em Portu-  
gal no seculo

XIV

---



1.<sup>o</sup> acto - 1.<sup>o</sup> quadro

Uma sala ricamente mobiliada. Uma porta ao fundo, duas  
dos lados. D. Iria está sentada  
n'uma cadeira a cozer e seu  
pai n'um sofa.

---

D. Iria - D. Antonio - Gozê

Gozê - Senhor D. Antonio, chegou a-  
gora um cavalleiro que pedia a  
v. senhoria o favor de o deixar  
pernoitar n'esta casa

D. Antonio - Diz - lhe que não

D. Iria - Então o pai não se que já  
é quasi noite e a estrada é tão es-  
curecida. Deixe pernoitar ~~aqui~~ esse cavalleiro

D. Antonio - Mas minha filha eu  
tenho um pressentimento que me diz  
que se esse cavalheiro pernoitar  
cá acontece alguma desgraça

D. Iria - O'meu pai deixe-o pernoitar  
porque pode estar certo  
que não acontece desgraça ne-  
nhuma

D. Antonio - Pois sim minha fi-  
lha mas toma bem sentido que  
é contra a minha vontade

D. Iria - Olhe pai eu vou - lhe abrir  
a porta e servi-lo

D. Antonio - Pois sim.

(D. Iria sahe)

## 2.º Quadro

Uma casa com uma meza posta. Uma porta ao fundo que dá para a rua e uma do lado direito.

---

Scena unica

D. Iria - D. Manuel

D. Iria (abre a porta do fundo —

Faz favor de entrar senhor  
cavalleiro

(o cavalleiro (D. Manuel) entra

e senta-se a meza sem di-

zer nada.) D. Iria sahe e volta

com um prato com comida

e uma bacula com agulha  
e tambem uma tavalha.

D. Manuel lava as maos  
e depois senta - se a mesa  
a comer)

D. Iria (depois de ver que D. Ma-  
nuel acabou de comer e abri-  
che a porta do lado) - Senhor  
cavalleiro aqui é que é  
o seu quarto. Boas noites  
o cavalleiro entra mas não  
lhe diz nada.

(D. Iria sake)

---



## 3.º Quadro

De madrugada num campo,  
 D. Iria vai amordaçada no  
 mesmo cavallo em que vai  
 D. Manuel, Chegando alli  
 D. Manuel desamordaça  
 D. Iria.

## Sena única

D. Iria - D. Manuel

D. Manuel - Como se chama?

D. Iria - Eu na minha terra  
 chamava-me Iria a pidal-  
 ga mas por aqui Iria a coi-  
 tada.

D. Manuel - Por essa palu -

Abras não-te matar.

D. Iria - Deixa-lo. Eu não  
me importa

(D. Manuel tira a espada  
e com ella matto D. Iria  
depois enterra-a dezan-  
do-lhe os cabellos de para e  
feito isto monta no caval-  
lo e foge)

---

Scena 2<sup>a</sup>

Pastores

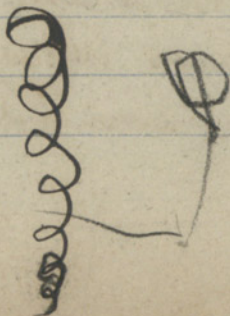
Um pastor recebe os cabellos  
de D. Iria de para des-  
terra-a e vai chamar outro

pastores que vivem em  
cada um de D. Iria.

(cabe o pano)

Fim do 1º acto

de S. Iria



2<sup>o</sup> acto3<sup>o</sup> quadro

A mesma Decoração do 3<sup>o</sup> mas  
com uma ermida ao fundo

Scena unica

Pastor - D. Manuel

D. Manuel - O' Pastor de  
quem é aquella ermida?

O Pastor - É de L. Irin que  
ali mataram

(D. Manuel entra para a  
ermida)



## 5º quadro

Dentro da ermida. Um  
simples altar com a  
imagem de S. Iria (D. Iria)

Penal unica

D. Manuel - D. Iria

(agora S. Iria)

D. Manuel foliriginado - se  
a imagem) - O' minha  
S. Iria perdoa - me.

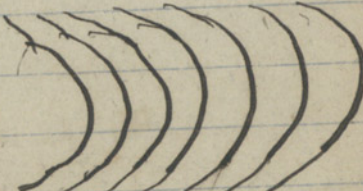
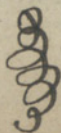
D. Iria - Eu não te deixo  
perdoar mas se o  
cen ~~te~~ perdoar também  
eu te perdoar o...

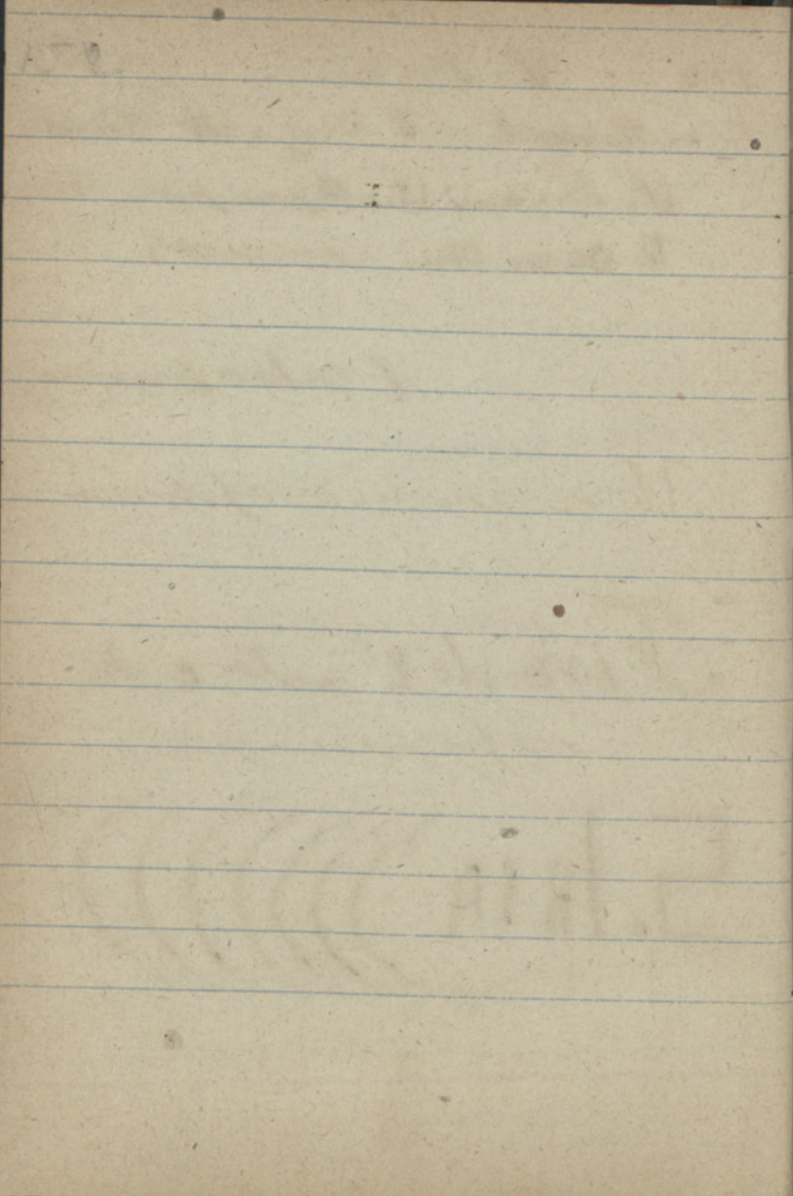
D. Manuel - O brigadeiro mestre  
 S. Iria. D'agui por deitan  
 te serai teu romeiro!

(cabe o panua)

Fim do 2<sup>o</sup> acto e de

S. IRIA



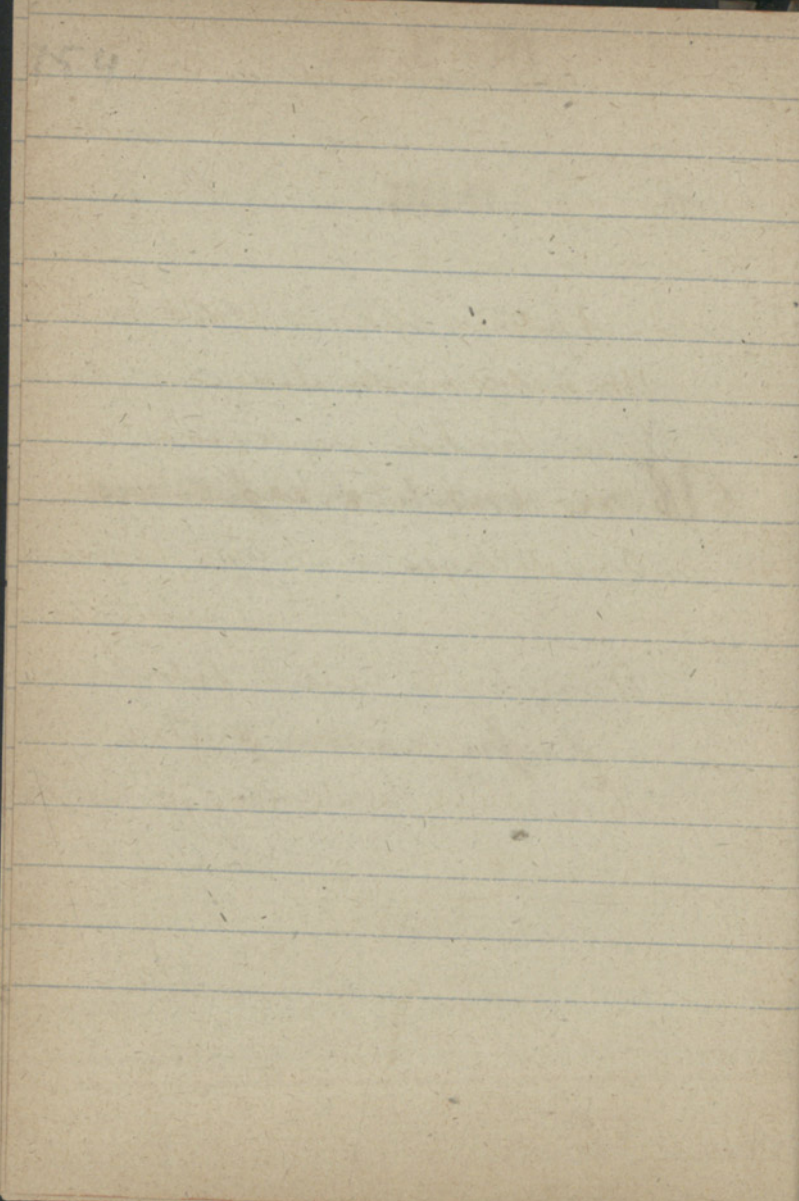
M. G. C.

IX (III)

*U m medico optima*

*(epigramma)*





D. Antonio cahindo doente de cama

Um medico mandou chamar

E se tinha grande fama.

Veio d'ahi a 3 dias

O medico que D. Antonio chamar  
mandou

Quando elle veio, D. Antonio l'ou-  
se-lhe a dizer:

E a istine doente mas ja não esta

Fim

de

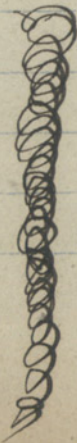
158

DIÁRIO S.C.

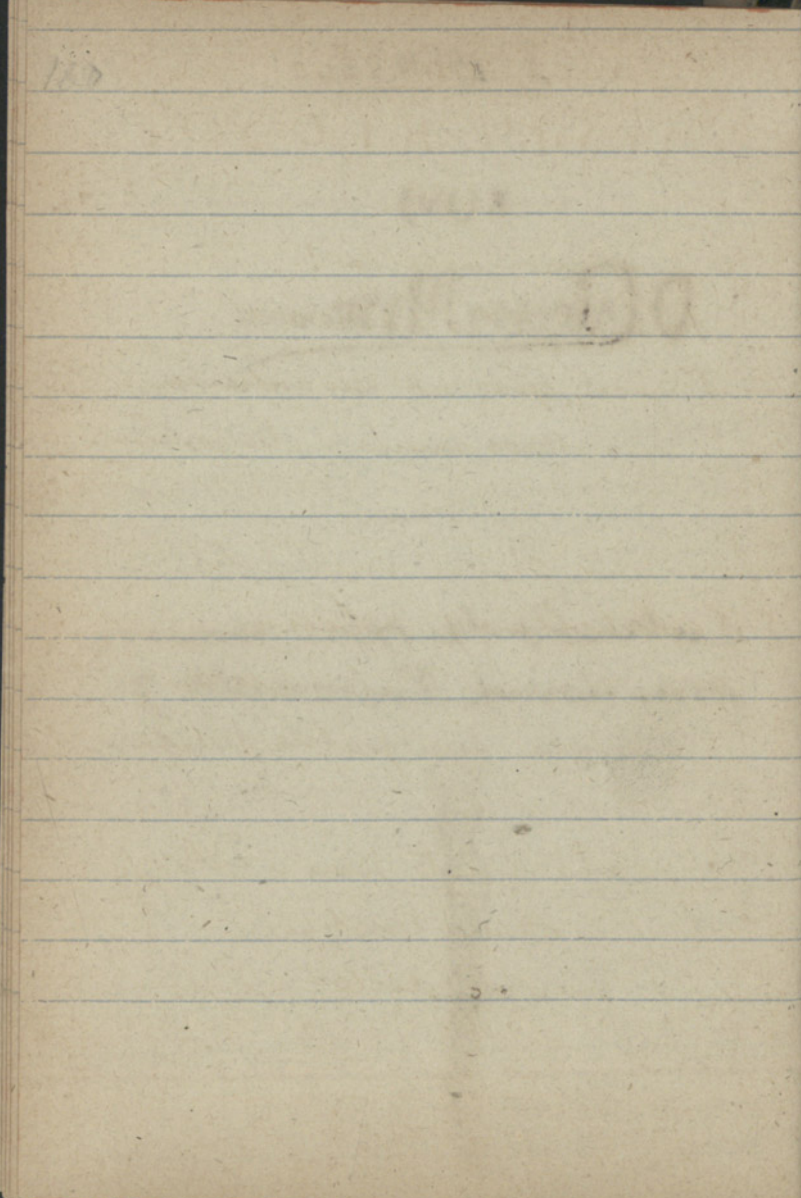
X (IV)

O CASTELLO MYSTERIOSO

(Extrahido da opera comica  
os sinos de Carnegille)







X(IV)-O CASTELLO  
MYSTERIOSO

Que formoso castello !

As suas altas torres

Parece que no céu entravam

Os seus donos muito d'elle gostavam

Um dia ô! que infeliz dia  
O castellão partiu

Para terras d'alem do mar

Para pela sua patria pelegar.

A castellã triste para a cidade partiu

E al era a sua tristeza

Que deixou o castello amado

Por ella desahitado

Deixou a castela encarregado da castela

Um velho rendeiro

Chamado Gaspar

Que parecia de seu amor gostar

Vendo muito dinheiro o velho Gaspar

No castella para seu dinheiro

Esconderijo foi achar

Tinha esse dinheiro sido

Das seus amos roubado

Procurando elle utio

Para o dinheiro guardar  
No castello foi achar  
Escondeu muita bem escondido  
E as portas do castello mandou as  
fechar

---

Corria uma lenda que dizia:  
Que quando um descendente  
Do ultimo Castellão chegasse  
Logo os sinos do castelo repicariam

---



Tinha Gaspar feito correr  
Que no castello almas do outro mundo havia  
E que lá dentro de noite  
Luzes se viam

Fizera elle isto correr  
Para que nunca se entrasse no castello  
Pois Gaspar pobremente vivia  
Por ser a homem mais avaro que em  
Cornemille havia

Passado algum tempo  
Chega a Cornemille

Alm. ob.

Alm. desconhecido

~~Que~~ de muitos homens era seguido

Assim que elles a Cornuville chegaram  
Os sinos do castello logo repenicaram

Assim que elle a Cornuville chegou  
As portas do Castello logo repenicaram  
E elle Gastão de Cornuville  
Por uma das portas do castello  
Entrou

Quando elles na sala principal  
Do Castello entraram

Estava o avaro Gaspar  
 Cantando o seu thesouro  
 E então <sup>3 homens</sup> o agarraram  
 E das mãos o thesouro lhe  
 tiraram

Gaspar então endoideceu  
 E d'alhi ~~foi~~ o que morreu

FIM DO CASTELLO

MISTERIOSO

M. G. C.

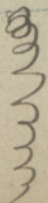
104

XI(V)

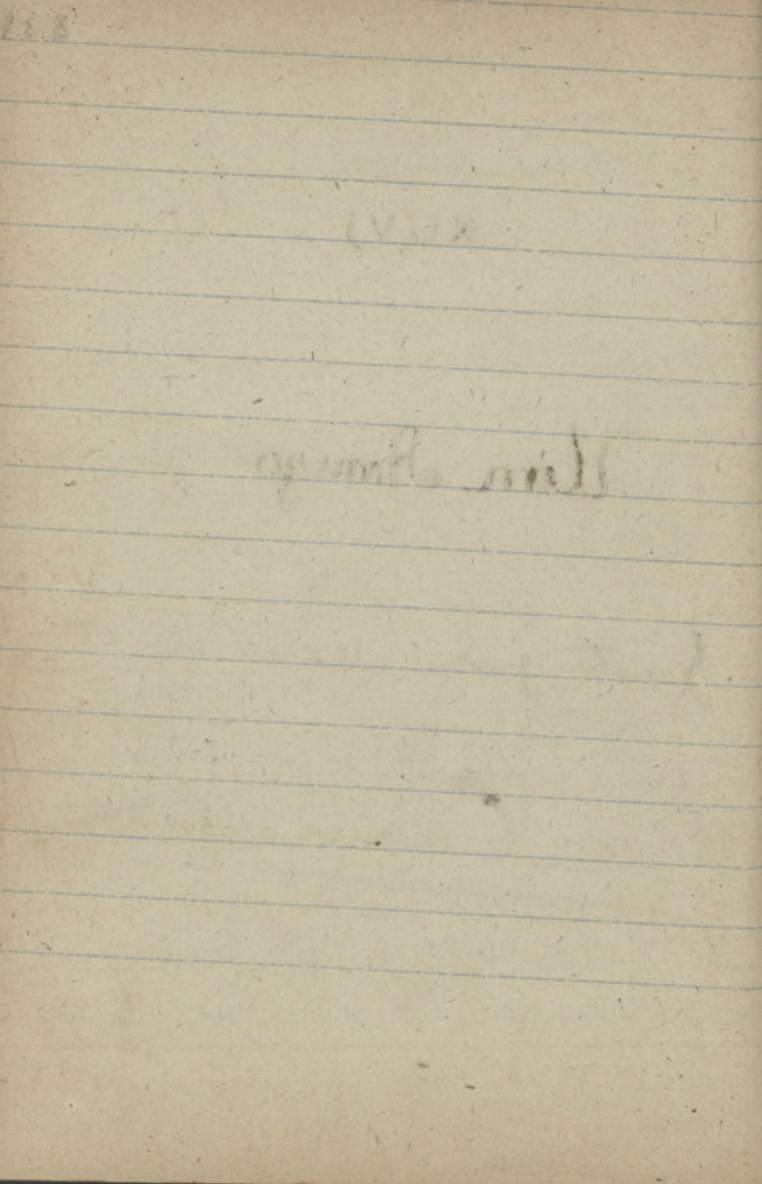
Um Amigo

Soneto por Maria de

S. a Carneiro







X (V) - Um amigo

---

Existe e pensativo na sua cabana  
Tendo um cão com si

Antonia o que não tem uma amiga  
Dizendo isto a cabeça abarca:

Levando o dia no labutar do  
campo

E a desgraçada sem ter um amigo  
Sentado n' este banco  
Medite a minha triste sorte.

O' quando é que virá a morte  
Única esperança que me resta  
O! quando é que virá esta

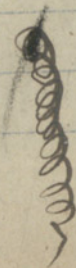
Mas n'isto o cão que a sen lada  
estava

Principia a fazer-lhe festa

Consegredo dizer: não queiras morrer que no mundo  
um amigo que cano te restar

FIM DE

UM AMIGO



m. g. e

XII (12)

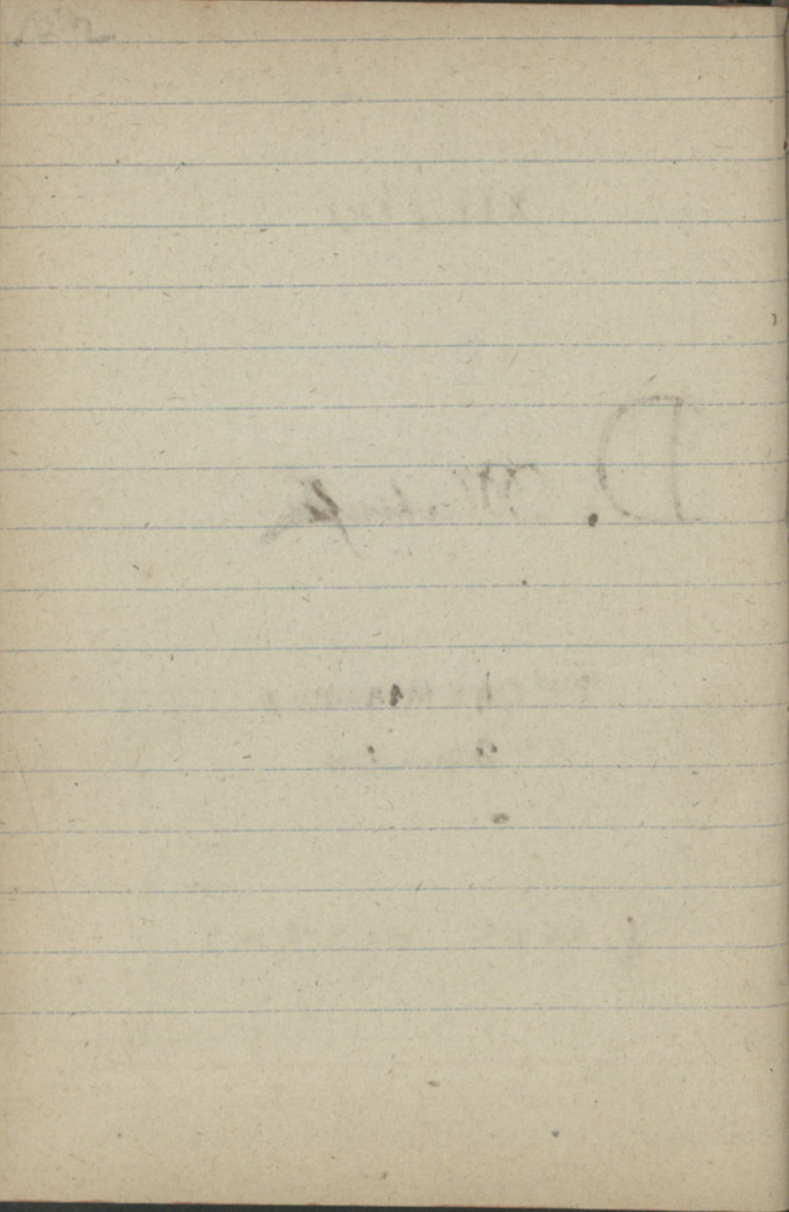
D. Matheus

PEÇA EM ACIÃO E

3 quadro

(em nervo)





Personagens

D. Martinho

João (criado de D. Martinho)

D. Antão

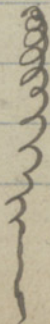
D. Manuel (irmão de D. Antão)

Guiz

D. Philippe (alcaide maior)

Francisco (criado de D. Antão)

Guizes, agnazio etc, etc.



D. Martinho

1.<sup>o</sup> Q. uadro

Um gabinete mobiliado elegantemente. D. Martino está sentado n'um sofa.

Scna 1.<sup>a</sup>

D. Martinho fãõ

D. Martinho -

Mãe, mãe

O' fãõ

D. Antão d'Argão

fãõ -

Mãe, Mãe

Antes queria morrer

O que isso fazer

D. Martinho -

Pois és farralhão

E o matasses

E a clava te um dinheirão

João -

Eu só quero dinheira

Ganhando honestamente

E se a matasse

Te ficava com remorso para sempre

D. Martinho -

Então vai-te embora

João -

Não, não

E sem demora

(João sai)



Cena 2<sup>a</sup>

D. Martinho (só)

Ja afferei um dinheirão  
Para matar o D. Antão  
Mas em não sem achar  
E u me tenho farte de procurar  
Quem ná matar o D. Antão,  
Ja mandei chamar os meus criados  
Antonio, Miguel e mais o João  
Que me parecia ser os que tinham  
Dello dinheiro mais ambição,  
Aprocurar a farejar  
Por toda a parte

Vou a um capaz de achar  
 Quem não matar  
 O D. António.

Mas se não achar ninguém  
 Que o não matar  
 Eu próprio o vou assassinar.  
 A procurar, a fiarejar  
 Por toda a parte  
 Eu vou ver se tepho ante  
 De achar quem não matar  
 O D. António

(D. Martinho sale)

Fim do

2.<sup>o</sup> quadro

Um gabinete elegante muito  
mublado. D. Antão está  
sentado n'uma cadeira  
estufada.

Cena 1.<sup>a</sup>

D. Antão - João

João.

Senhor D. Antão:

Eu venho aqui desempenhar

A minha obrigação

Eu venho dizer

Que a meu pai

Venta matar

O sr. D. Antão

A mim mandou-me elle chamar

Nos em não

D'as não quiz

De se meter tal comição

O meu patrão

Chamou-me para lá

Porque elle dizia

Que se o mataste

Me daria um dinheirão

Mas eu respondi-lhe:

Que só queria dinheiro

Quanto honradamente



E que se a matasse  
 Feicana com remorsos para sempre  
 Martante m. D. Antão  
 Faça o que entender  
 E de mim'.

Vem um serua até morrer

D. Antão -

Obrigada, obrigade

O' João

Vou já dar parte

D'esse a meu irmão

Que nae hoje a Villuflor

Que está passando ao

Estes da Paschoa

O carregador  
Quanto a ti  
Vae-te embora  
E a recompensa  
Que te deu  
E' esta  
Por agora

(~~Deixa~~ - Leve a mune das d'agua  
e os dois sahem

}

Scna 2<sup>a</sup>

(no outro dia)

D. Manuel - D. Antão - Francisco - D. Filipe

D. Manuel -

Meu irmão, meu irmão

Meu irmão

'Sim que cheguei

A Villa Felor

Dei logo parte do sucedido

A o corregedor

Trago aqui 3 aguias

Com ordem de prender

E metter D. Martinho na prisão

Francisco -

Sr. D. Antão

Chegam agora o alcaide-mór  
de Villa Real

Que diz que vem de parte  
do corregedor

D. Antão -

Que entre para aqui

(Francisco sahe)

D. Filipe (alcaide-mór)

Da parte do corregedor

Venho aqui Sr. D. Antão

fa deli arôlem aos agnais



Para irem prender  
 E metter D. Martinho na prisão  
 Aassembly será julgado  
 E pelo juizes condemnado

### 3.<sup>o</sup> quadro

Um tribunal. No banco  
 do reus está D. Martinho.  
 A a bunda prem - se agueis  
 Cena unica

Juiz D. Martinho

Juiz -

E' verdade ter tentado  
 Contra a vida de D. Antão De'Agou

D. Martinho -

E' verdade

Guiz -

E ainda a diz

D. Martinho -

Doisenta, eu não minta

E verdade que tentei

Contra a vida do D. Antão

Guiz -

O aris sabe: E condenado

A ser enforcado

D. Martinho -

Mas beide le mar

O punhal ao meu lado

Guiz -

Metam - no fã na prisão  
 E amanhã não se de - com o punho  
 Porque elle o que quer  
 E metter o D. Antão

(cabe a panna)

FIM DE

D. MARTINHO

W. J. C.

189

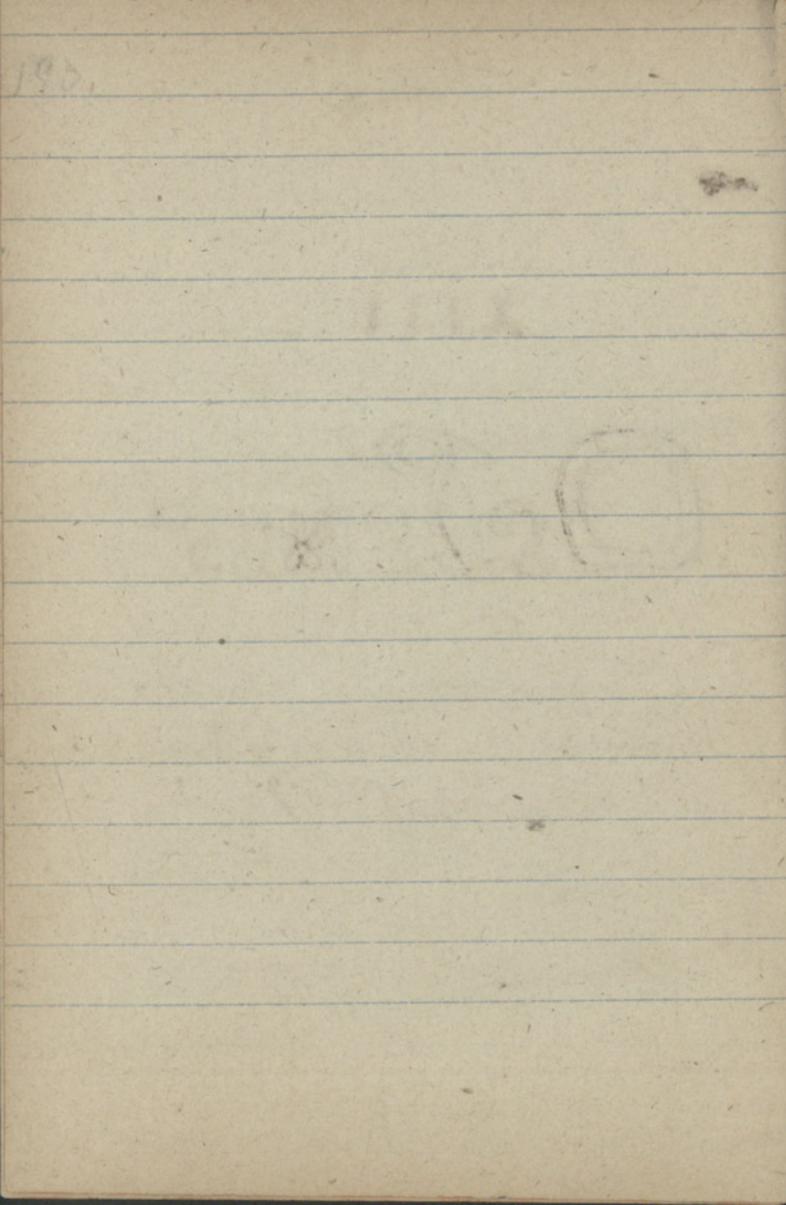
XIII

OPINES

Cartão da Trexa das leituras postu-  
guas n.º 28

W. J. C.





XIII - Os Peixes

Nas férias passadas estive na  
Figueira da Foz cidade que  
fica na provincia do Douro dis-  
tricto de Coimbra.

Muito perto da Figueira da  
Foz existe um sitio chamado  
Buarcos ~~na~~ praia do qual  
nem ter grande variedade  
de peixes.

A primeira vez que fui a  
Buarcos fui com o meu pai e  
perguntando-lhe eu muitas  
coisas a respeito dos peixes  
disse-me o seguinte:

— "Tahes tu meu filho que os na-  
vios acabam em quilha para  
melhor cortarem a super-  
fície das aguas; pois com os  
peixes succede o mesmo; ~~pois~~  
~~A~~mutaresa afim de com  
facilidade cortarem as aguas  
dotau-os com as barbatanas que  
equivalem as azas das aves e  
têm as partes ~~da~~ extremas do  
corpo adelgadas e a meia-  
mais grosso."

— "Mas napa - perguntei eu - aquelle  
peixe não tem as barbas  
que o papá diz?"



— "Sim; porque ha excepções como  
 e aquelle que tu apontaste que  
 por ter a cabeça do peitão d'um  
 martello se chama peixe martel  
lo "

— É só essa a excepção?

— "Não meu filho, o ha ha um  
 peixe que se chama peixe anão, o  
 porque tem espinhos como aquelle<sup>1</sup>  
 e quando o atacam incha como  
 um balão. O peixe roda que  
 mais propriamente se devia cha-  
 mar peixe bola, igual a perca-

<sup>1</sup> Dourado terrestre.



dente com diferença de não ter espinho e a faculdade de de augmentar. O Hipocampo<sup>1</sup> que se parece com um cavallo morto que não tenha senão alguns centímetros.

Com as cores foi prodiga a natureza pois uns são encarnados como o rubim, azues como a saphira, verdes como a esmeralda; alguns parecem ser Loureiros ou prateados e outros são da cor do car-

---

1 - O ~~hipocampo~~ - cavallo - campo - mar

minha da purpura. Os habi-  
tantes do fundo do mar têm  
a faculdade de se poderem  
iluminar e ha raias que  
dão descargas electricas para  
se defenderem. E' a pelle dos  
peixes ~~muito~~ ~~flesivel~~ vis-  
cosa e elle flecte-se a que  
quer dizer que se podem  
dobrar. São os peixes <sup>men-  
tos</sup> voraces. Nutrem-se de in-  
sectos e pequenos reptis. Comem-  
se uns aos outros e os grandes

— Canalle do mar

peixes atacam os mamíferos marítimos e os crustáceos tendo força bastante para lhe quebrar as armaduras. o órgão de locumção dos peixes são as barbatanas e a cauda.

Olha meu filho já se está a fazer tarde o ~~o~~ melhor e irias para casa. gostaste do que eu te expliquei ou não?  
— gostei sim papá

FIM DOS PEIXES





XIV

OTEJO >>>>>>>>

Estrada do Preso n.º 30  
das

LEITURAS PORTUGUZAS



VIX

01.F.10 <<<<<<

01.F.10

O Tejo é a maior rio da península Iberica e um dos maiores d' Europa. As suas nascentes são perto da villa d' Albaracim no reino de Hespanha. Entrando por Portugal hañha as villas de: Alentejo, Barchinella, Tancos onde esta a escola pratica de engenharia. Em frente de Tancos escite um pequeno ilheu onde é a castella do Almoural. O Tejo tamhem hañha a ciostade de Santarem que fica na

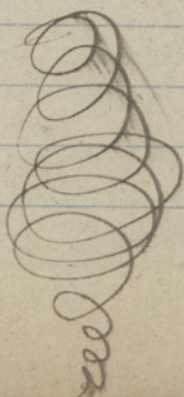
na Extremadura hem como  
as villas acima nomeadas.  
A breisca de Santarem  
fa a agua d'este rio  
e salgada. De Santarem  
corre este rio para a cida-  
de de Lisboa que fica  
tambem na Extremadura  
e e capital da monar-  
chia portugueza.  
Ali faz este suberbo rio  
um dos melhor portos do  
mundo.  
E a sua foz perto de  
Beiras.  
A maior profundidade



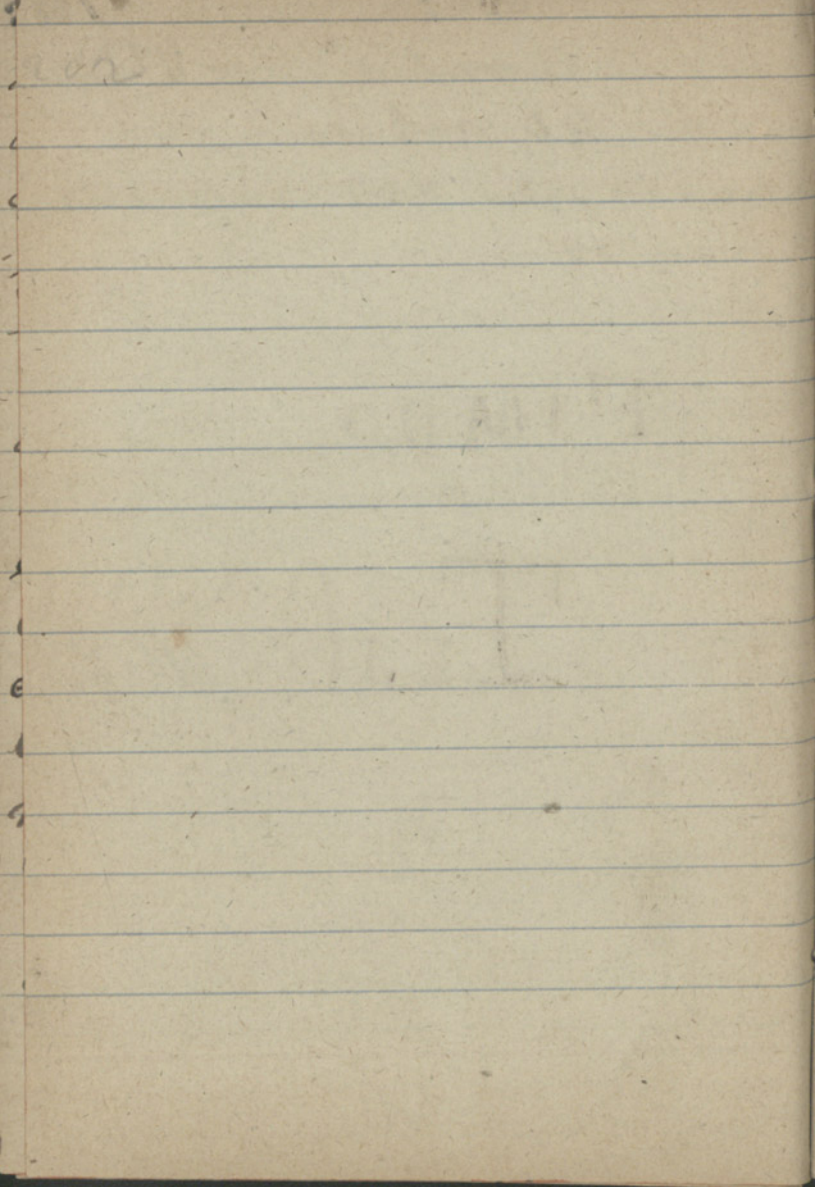
que se encontra no Tejo  
e de 40 metros e da  
passagem aos maiores  
navios

FIM DO

TEJO >>>>>>>







200  
Mario Sá C.

---

Os 7 pecados mortais

(em verso)

1

204

1º A soberba

A soberba é início p'or  
Dos peccados mortaes o maior  
A soberba é início de horror  
Quem tem soberba para ninguém tem amor

2º A avareza

A avareza é ser-se agarrado ao dinheiro  
Mas também não é bom ser-se gastador  
Quem é avarento não dá uma esmola  
A avareza é início d'horror



### 3º A luxuria

A luxuria é vicio d'horror

Quem tem luxuria é muito gastador

A luxuria repito é vicio d'horror

Quem tem luxuria só para luxo tem amor

### 4º A ira

Quem tem ira é muito zangado

Quem tem ira por ninguém é modo

A ira é vicio d'horror

E repito: que tem ira de ninguém gasta amor

5º Gula

Quem tem gula é mui comilão

A gula é vicia d'horror

Quem tem gula em comela é mui <sup>gado</sup> gado

E repita ~~que~~ gula é vicia d'horror

## 6º Rinneja

A rinneja é o 2º peccado mortal

A rinneja é a origem do mal

A rinneja é vicia d'horror

Quem tem rinneja para ninguém  
tem amar

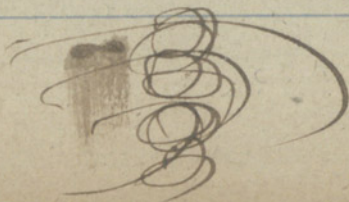
# 4.º Aperguica

Aperguica é vicia d'horror  
 Quem tem <sup>perguica</sup> para ninguém tem  
 amor

E aqui findam os pecados mortaes  
 Vós leitores não sei se d'estas  
 quadras gostais

## Dimos

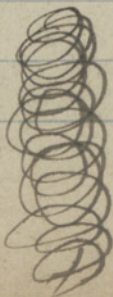
## 7 pecados mortaes



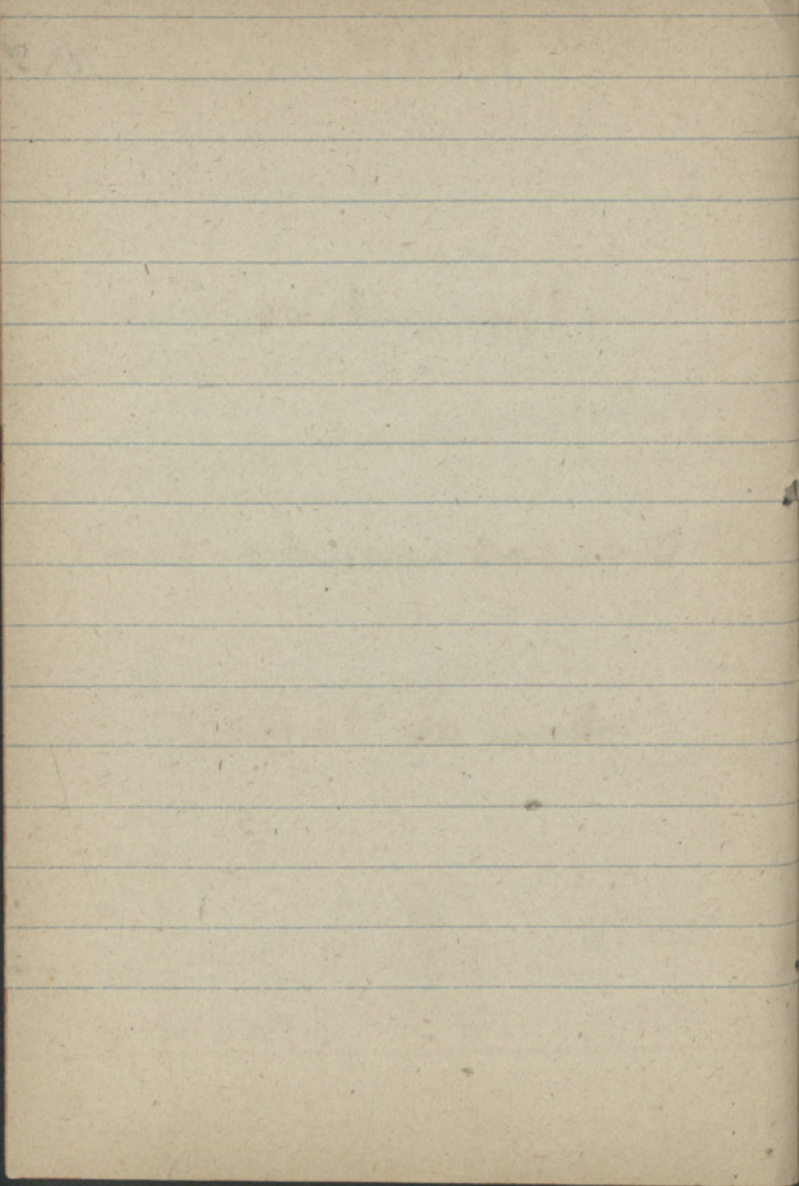
Appendice

Diversas causas por

(Mario de Sá Carneiro







A Mendice

Cantando espalharei por toda a parte<sup>1</sup>  
A imarredora gloria da gente portuguesa  
E se me ajudar o fênho e arte  
Solere o Enxanfelo jura que nasce  
uma lileza

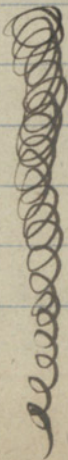
O' Muzas minhas ajuda-me a fa-  
zer versos  
Que sejam de rimas e de belleza  
immersos

---

Camões Leuziades canto 1.<sup>o</sup> estrophe 2.<sup>a</sup>

Um Bica e horrenta tribunal  
Encerrado pelo lindo Jesus crucifi-  
cado

Onde está respondendo  
Inocente o condenado



## Notas

Todos estes escriptos q não  
ser o appendice já foram  
escriptos n: outras partes.

---

Quando se da duas numeracões  
na mesma treço (~~na~~ versos  
e nas peças) indica que  
e o treço n: tal e dos versos  
de em verso o n: tal na  
peças a mesma coisa

---

Os treços extrahidos das Leituras  
Portuguezas era feitos pela  
auctor na se yceu os quaes



era apresentado ao professor de Português o Ex<sup>mo</sup> Sr. Dr. Manuel Ferreira Cardoso

---

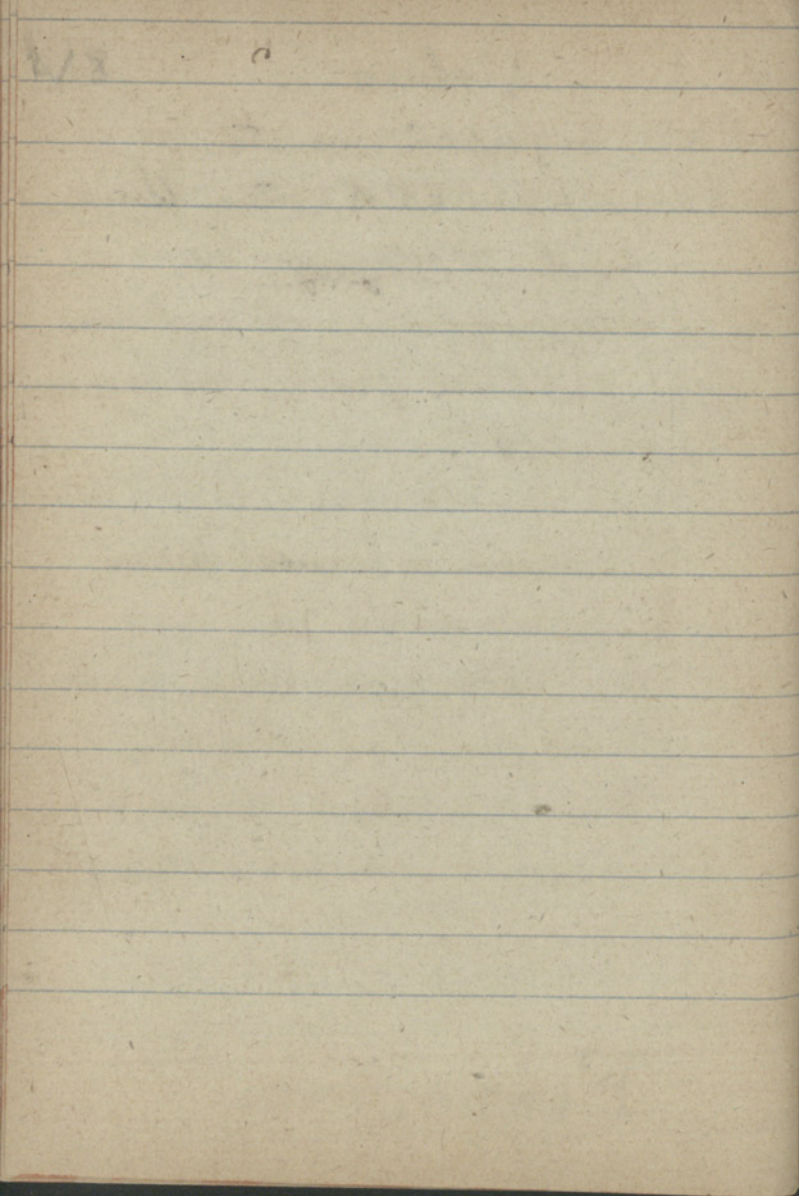
Os criticados e mortos muitos dos leitores hão de não achar correta a repetição de EVILIO D'HORROR mas se isto é assim foi porque o autor a isto se obliuq<sup>u</sup>id<sup>u</sup> pois cada peccado mortal não tem nada com os outros e por assim dizer uma obra á parte, portanto não é erro.

---

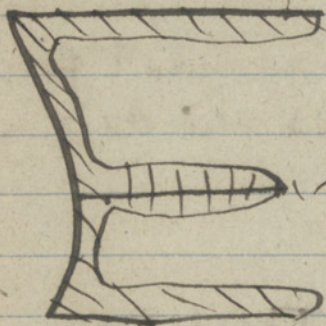
Tar esquecimento na  
 CONQUISTA DE CETA entra Ilma  
bandeiral Portuguesa ha e  
que alegria em Lisboa  
nae faltou har os seguin-  
 tes versos:

Lá descem os braços e descem  
 Se firmam o caes já  
 Lá nêem para terra la nêem  
 Suas familias abraçar  
 Que saudades d'ella não teriam  
 Quando andavam a batalhar.

FIM DAS NOTAS



1902



*nigmas*

*De  
De  
De  
De*



## Enigmas

Depois de estar completada esta obra lembrou-se o auctor que lhe faltavam ainda uns enigmas Typographicos os quaes são os que se seguem.

1.<sup>o</sup>

MA II O U R D

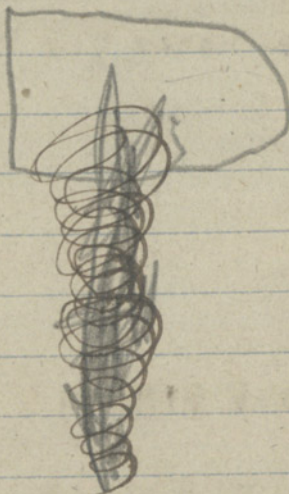
2.<sup>o</sup>

KA NOT A DE MUSICA DA

---

3<sup>o</sup>

ATMAREEQ MARINHEIROS 1



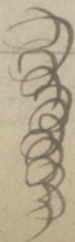
A solução d'estes 3 enigmas a-  
chase na pagina seguinte

## Soluções

1<sup>o</sup> Maria2<sup>o</sup> Casilda3<sup>o</sup> A mais marés que marinha-  
ros

E' IMDOSE NIGMA E D'ESTE

GIVRO



# Índice

|                                 |         |
|---------------------------------|---------|
| Historia de D. Alvaro de Castro | — Pg. 7 |
| O Espectro                      | — „ 25  |
| A conquista de Coenta           | — „ 33  |
| D. Ignez de Castro              | — „ 43  |
| Oã redondeza da terra           | — „ 53  |
| D. Manuel                       | — „ 63  |
| D. Alvaro                       | — „ 94  |
| G. Jirva                        | — „ 110 |
| Um medico optimo                | — „ 123 |
| O castello mysterioso           | — „ 127 |
| Um amigo                        | — „ 135 |
| D. Martinho                     | — „ 140 |
| O os peixes                     | — „ 151 |
| NT ego                          | — „ 168 |
| O os 7 pecados mortaes          | — „ 169 |





190

Index

190

Appendice ~~~~~ Pg. 175

Notes ~~~~~ " 179

Enigmas ~~~~~ " 284

